

“CORPO E ESPAÇO” COMO INQUIETUDE DO EU-LÍRICO NAS POESIAS DE AUGUSTO DOS ANJOS E CASSIANO RICARDO

Data de aceite: 05/02/2025

Danilo Passos Santos

Centro Universitário Teresa D'Ávila –
UNIFATEA
Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI
Pindamonhangaba – SP

**João Francisco Pereira Nunes
Junqueira**

Centro Universitário Teresa D'Ávila –
UNIFATEA
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” – UNESP
Lorena - SP

RESUMO Analisa-se literariamente neste artigo as concepções de significados do vocábulo “corpo” inserido nas poesias “Anseio” de Augusto dos Anjos e “Espaço lírico” de Cassiano Ricardo sob a ótica da criação literária, temática literária, estilo do autor, movimento literário e estrutura textual, dentro de um espaço em que ambos os autores percorrem relacionando-o aos aspectos de interioridade e exterioridade. Com a ciência de que o estudo da poesia abrange interpretações de cunho literário, técnico-textual e pessoal, esta análise literária aborda as concepções do vocábulo inserido diretamente e indiretamente no

contexto literário de cada poesia, de modo a persuadir o leitor a duas interpretações literárias interligadas. O artigo embasa-se em Candido (2006) que disserta acerca da literatura como uma formação social e Bosi (1987) com os conhecimentos específicos dos movimentos literários pré-modernista e modernista brasileiro, além de retratar biograficamente os autores pesquisados para o estudo desta análise literária.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, poesia, Augusto dos Anjos e Cassiano Ricardo.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo busca analisar o eu-lírico por intermédio de uma inquietude poética nas poesias “Anseio” do escritor pré-modernista Augusto dos Anjos (1884-1914) e “Espaço lírico” do escritor modernista Cassiano Ricardo (1895-1974) a partir de fragmentos textuais que elucidam os contextos de ambas as poesias, considerando aspectos técnicos da criação literária, entre elas, a metrificacão, rimas, sonoridade, uso das palavras e contexto. Ciente de que a poesia é a expressão do escritor em versos com o intuito de levar ao

leitor uma “visão de mundo” a justificativa desta análise literária culminou na necessidade de compreender as concepções da palavra “corpo” dentro de um contexto poético que discute o homem dentro de um “espaço” interior e exterior. Em virtude das concepções sobre a formação de um texto literário, analisar as concepções estruturais acerca do vocábulo “corpo” como palavra e contexto temático dentro dos textos poéticos de Augusto dos Anjos e Cassiano Ricardo foi possível após o conhecimento literal do vocábulo em estudo. Segundo o dicionário Aurélio (2011, p. 202) há oito definições para a palavra

[Lat. Corpus] Sm. 1. A substância física de cada homem ou animal. 2. Restr. Cadáver. 3. Restr. A parte do organismo humano e animal formada pelo tórax e abdômen. 4. Qualquer objeto material caracterizado por suas propriedades físicas. 5. A parte central ou principal (de um edifício, veículo, etc). 6. Edit. Tamanho do caráter ou do tipo. 7. Fig. Grupo de pessoas consideradas como unidade ou conjunto organizado. 8. Fig. A parte principal de uma ideia, de uma doutrina ou preço.

A partir disto, muitas são as definições para a “literatura”, tais definições perpassam desde que a “literatura é a expressão do homem em seu tempo” e a “literatura é a sensibilização do leitor perante um texto de um autor”, esta última requer um conhecimento mais específico para compreender os processos de sensibilização do indivíduo perante uma arte, pois “literatura é a arte de se expressar pelas palavras”, temos mais uma definição. Logo, com estas definições é possível estudar a presença da literatura em qualquer contexto histórico, social e, principalmente, local, porque a literatura perpassa as diferentes esferas citadas anteriormente para uma formação cultural de uma determinada sociedade. Neste impasse, é de primor lembrar que os gregos foram os pioneiros na formação da cultura ocidental em um processo de discussão de ideias a partir de uma filosofia ou melhor, “a formação de ideias culminantes em uma filosofia” Platão (428 a.c – 347 a.c), por exemplo, formou um aporte de princípios que hoje consideramos como um verdadeiro aporte literário.

Entre uma abrangência e complexidade da obra platônica, destacamos, o conhecimento acerca da abstração dos sentimentos, pois, se atualmente temos acesso a diversas obras que discute o amor e suas consequências moldadas em personagens principais ou secundários, devemos as teorias do processo idealizador deste sentimento ao filósofo grego. Porém, a literatura não parte apenas dos princípios filosófico atrelados às definições de categorias que formam uma personalidade para as personagens, ela se constrói a partir da visão de mundo de cada autor para a culminância na formação de um texto, cujo princípio é *registrar, expressar e sensibilizar*.

Embasamento teórico

Como aporte literário para o estudo do corpus deste artigo respaldaremos na literatura como formação humanística preconizada por Candido (2006), pois a formação literária por

um viés da mediação humanística, torna-se, portanto, um fator primordial para qualquer pesquisa em que busque a necessidade de se compreender a literatura como uma arte que além de se expressar pelas palavras, auxilia no processo de formação humana de um indivíduo leitor. O autor (CANDIDO, 2006, p.53) destaca o papel da literatura na sociedade e os fatores para se analisar um movimento literário e a sua obra, pois “a grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa atemporalidade e universalidade, e estas dependem, por sua vez, da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar (CANDIDO, 2006, p. 53)”. Em virtude da escolha de poesias de um escritor prémodernista, Bosi (1976) discorre acerca do movimento literário que fomentou a criação de obras emblemáticas e ante-percursoras do movimento modernista no Brasil outorgado em 1922. Nas palavras do autor (BOSI, 1976):

O grosso da literatura anterior à «Semana» foi, como é sabido, pouco inovador. As obras, pontilhadas pela crítica de “neos” - neoparnasianas, neo-simbolistas, neo-românticas - traíam o marcar passo da cultura brasileira em pleno século da revolução industrial. Essa literatura já foi vista, em suas várias direções, nas páginas dedicadas aos epígonos do Realismo e do Simbolismo. No caso dos melhores prosadores regionais, como Simões Lopes e Valdomiro Silveira, poder-se-ia acusar um interesse pela terra diferente do revelado pelos naturalistas típicos, isto é, mais atento ao registro dos costumes e à verdade da fala rural; mas, em última análise, tratava-se de uma experiência limitada, incapaz de desvencilhar-se daquele conceito mimético de arte herdado ao Realismo naturalista [...] (BOSI, 1976).

Ciente de que o movimento pré-modernista acopla obras que não fomentam uma discussão totalitária acerca dos conteúdos de criação literária e presas aos movimentos anteriores na literatura, há de se considerar que a análise literária em prol da poesia de Augusto dos Anjos inserida neste artigo perpassa as esferas voltadas ao movimento em si e analisa os contextos temáticos característicos do autor. Augusto dos Anjos (Cruz do Espírito Santo – PB, 1884 – Leopoldina - MG, 1914) manteve uma criação poética peculiar que culminou na formação de duas obras póstumas: *Eu e Eu* e outras poesias, esta última, uma segunda versão da primeira, porém com algumas poesias inseridas. Mesmo com uma produção literária reunida em poucas obras, textos e poesias do autor foram publicados ao longo dos anos em diferentes meios de comunicação.

Segundo estudos crítico-literários, parte da criação literária, no que se concerne aos temas das poesias, de Augusto dos Anjos embasa-se filosoficamente às teorias de Artur Schopenhauer (1768 – 1860), em virtude a estas concepções, uma das reflexões do filósofo alemão que se atrela ao contexto desta análise é a teoria da metafísica da vontade que discute a presença do corpo em um espaço físico a partir dos aspectos racionais do indivíduo. Para o autor (SCHOPENHAUER, 2005, p. 156) “a vontade é o conhecimento a priori do corpo, e o corpo é o conhecimento a posteriori da vontade”, nesse aspecto há de se considerar que todo ato da vontade e toda ação do corpo não são estados divergentes

apreendidos pela causalidade, pelo contrário, ambos são uma única e mesma coisa dada apenas de duas diferentes formas, uma imediatamente e outra na intuição do entendimento racional. O corpo, na teoria do filósofo, portanto, é uma vontade objetivada que se tornou representação, numa palavra, concreção da vontade.

O segundo autor a ser discutido neste estudo é Cassiano Ricardo (São José dos Campos – SP, 1894 – Rio de Janeiro – RJ, 1974). O autor modernista em 1928 publicou *Martim Cererê*, importante experiência modernista primitivistanacionalista na linha mitológica de Macunaíma (de Mário de Andrade) e *Cobra Norato* (de Raul Bopp). Afastando-se das ideias de Plínio Salgado, Cassiano Ricardo fundou com Menotti del Picchia o grupo da Bandeira, em 1937. No mesmo ano foi eleito para a cadeira de número 31 da Academia Brasileira de Letras, sendo o segundo modernista aceito na instituição (o primeiro havia sido Guilherme de Almeida). Sua obra perpassa por diversos momentos; inicialmente apresenta-se presa ao Parnasianismo e ao Simbolismo. Com a fase modernista, explora temas nacionalistas e depois restringe-se mais, louvando a epopeia bandeirante, detendo-se, em seguida, em temas mais intimistas (como a poesia selecionada para este estudo), cotidianos, ou mais próximos da realidade observável.

2 | O CORPUS

Para o desenvolvimento deste artigo duas poesias foram escolhidas por estabelecerem um diálogo vocabular e de significância literária entre os termos “espaço” e, principalmente, “corpo”, a partir de uma inquietação poética do eu-lírico em ambas as poesias. Em “Anseio” de Augusto dos Anjos há um pessimismo que inferioriza o eu-lírico em sua discussão poética, conforme se percebe a seguir:

Anseio

Que sou eu, neste ergástulo das vidas
Danadamente, a soluçar de dor?!
— Trinta triliões de células vencidas,
Nutrindo uma efeméride inferior.

Branda, entanto, a afagar tantas feridas,
A áurea mão taumitúrgica do Amor
Traça, nas minhas formas carcomidas,
A estrutura de um mundo superior!

Alta noite, esse mundo incoerente
Essa elementaríssima semente
Do que hei de ser, tenta transpor o Ideal...

Grita em meu grito, alarga-se em meu hausto,
E, ai! como eu sinto no esqueleto exausto
Não poder dar-lhe vida material!

Por um outro lado, em “Espaço Lírico” de Cassiano Ricardo esta mesma discussão não é realizada sob uma ótica pessimista, porém com aspectos de sensibilização poética:

Espaço lírico

Não amo o espaço que o meu corpo ocupa
Num jardim público, num estribo de bonde.
Mas o espaço que mora em mim, luz interior.
Um espaço que é meu como uma flo

Que me nasceu por dentro, entre paredes.
Nutrido à custa de secretas sedes.
Que é a forma? Não o simples adorno.
Não o corpo habitando o espaço, mas o espaço

Dentro do meu perfil, do meu contorno
Que haja em mim um chão vivo em cada passo
(mesmo nas horas mais obscuras) para

Que eu possa amar a todas as criaturas.
Morte: retorno ao incriado. Espaço:
Virgindade do tempo em campo verde.

No tópico a seguir, será estudado toda a formação técnica dos textos literários, bem como, o estudo da inquietação poética do eu-lírico perante os temas literários abordados em ambas as poesias.

3 | ANÁLISE DE RESULTADOS

Como um do corpus desta pesquisa apresentase a poesia “Anseio” de Augusto dos Anjos. A poesia é construída em uma estrutura de soneto por estabelecer uma métrica igualitária em cada verso decassílabo (de dez sílabas métricas). A poesia é composta por dois quartetos (estrofes de quatro versos) e dois tercetos (estrofes de três versos) totalizando 14 versos e por uma combinação rítmica das rimas em uma ordem ABAB / ABAB / CCD / EED.

Há de considerar que esta ordem presente na poesia de Augusto dos Anjos atrela-se à estrutura tradicional do soneto que normalmente estabelece a uma ordem de rimas entrelaçadas ou opostas (ABBA) em que o primeiro verso rima com o quarto e o segundo com o terceiro; rimas alternadas (ABAB) em que o primeiro verso rima com o terceiro e o segundo com o quarto; ou rimas emparelhadas (AABB) em que os dois primeiros versos obedecem uma sequência rítmica e os dois últimos outra sequência.

As duas primeiras estrofes/estâncias são construídas com uma sequência de rimas alternadas terminadas em sons que aumentam o tom do verso (-as) e diminuem o tom do verso seguinte (-or), esta alternância atrela-se ao contexto poético que elucida a inquietude poética do eu-lírico, conforme será explanado a seguir.

A partir das definições anteriores, considere as duas primeiras estrofes do soneto:

- 1- Que sou eu, neste ergástulo das vidas - A
- 2 - Danadamente, a soluçar de dor?! - B
- 3- — Trinta triliões de células vencidas, - A

4 - Nutrindo uma efeméride inferior. - B

5 - Branda, entanto, a afagar tantas feridas, - A

6- A áurea mão taumitúrgica do Amor - B

7 - Traça, nas minhas formas carcomidas, - A

8- A estrutura de um mundo superior! – B

As marcações realizadas ao final de cada verso são para diagnosticar cada tipo de verso rítmico compondo a ordem alternada em cada verso (ABAB). Ao considerar as duas primeiras estrofes, percebe-se que a poesia de Augusto dos Anjos é carregada de termos medicinais e biológicos que confrontam a sensibilização do eu-lírico, porém constrói um outro tipo de sensibilidade, há de se notar o uso de palavras complexas para determinar a sensibilidade do poeta.

A construção literária do primeiro verso da primeira estrofe induz a uma pergunta do eu-lírico, ou seja, o primeiro questionamento a partir do termo “Que sou eu”, ou em uma ordem sintática: “O que sou eu?”, observe que a exclusão do artigo e do ponto de interrogação não contribuiu para a quebra de sentido do verso inicial, pelo contrário, omitiu termos para a construção rítmica do verso. A palavra “ergástulo” denomina que há um cárcere nas vidas, pois o significado das mesmas era para designar os cárceres de escravos na Roma Antiga. A compreensão deste significado é possível através dos versos seguintes:

2 - Danadamente, a soluçar de dor?! - B

3 — Trinta triliões de células vencidas, - A

4 - Nutrindo uma efeméride inferior. - B

O segundo verso retoma a ideia do anterior em que o eu-lírico questiona a própria sobrevivência e demonstra uma ação (a soluçar de dor?!). O uso de duas pontuações enfatiza o tom pessimista do eu-lírico. Em “trinta triliões de células vencidas” há mais uma marca principal da poesia do autor: o uso de recursos biológicos. Ao dizer que há células vencidas (mortas) no corpo estão compactuadas na medida pontual dentro do corpo, uma vez que “efeméride” é um termo derivado do latim que significa “memorial diário” o que designa a palavra “efêmero”. Nesse aspecto, a complexidade vocabular de Augusto dos Anjos sintetiza a sensibilização poética dentro do texto literário.

Enquanto na primeira estrofe, o autor retrata uma situação deprimente do eu-lírico que questiona a própria sobrevivência, na segunda estrofe ele explicará o processo da sua inquietação, a considerar a presença de um sentimento dentro da mesma.

5 - Branda, entanto, a afagar tantas feridas, - A

6- A áurea mão taumitúrgica do Amor - B

7 - Traça, nas minhas formas carcomidas, - A

8- A estrutura de um mundo superior! – B

O quinto verso retoma a ideia do verso anterior com uma abordagem total construindo uma relação eufêmica entre as células mortas que invadem o interior do eu-

lírico e ao mesmo tempo serve para abrandar as feridas do próprio corpo. O eufemismo estará presente nos versos seguintes em um contexto paradoxal, pois ao mesmo tempo que o corpo do eu-lírico é dominado por uma situação decadente, a áurea *taumitúrgica* (na poesia transcrita como um neologismo), ou seja, sagrada, do amor transcende o mesmo corpo. Nota-se essa transcendência através do termo “formas carcomidas” e o resultado da mesma é a formação de algo superior que está acima do eu-lírico. Esta formação superior abrange um aspecto interior no eu-lírico.

Após a leitura das duas primeiras estrofes confrontaremos a inquietude do eu-lírico na poesia de Augusto dos Anjos com a inquietude na primeira estrofe da poesia de Cassiano Ricardo. Observe o trecho da poesia de Cassiano Ricardo:

- 1- Não amo o espaço que o meu corpo ocupa
- 2- Num jardim público, num estribo de bonde.
- 3 - Mas o espaço que mora em mim, luz interior.
- 4 - Um espaço que é meu como uma flo

Há um grifo na palavra “corpo” para designar a simplicidade vocabular em que o autor utiliza para especificar a sua presença no mundo e para delimitar a forma direta que a palavra aparece em uma das poesias estudadas. Enquanto em “anseio” Augusto dos Anjos cria um paradoxo metafísico em duas estrofes para designar a presença do seu corpo – mais notório em “ Trinta trilhões de células vencidas”- dentro do mundo (o que o autor designa “vida”), Cassiano Ricardo discute a relação física do espaço com o seu próprio corpo criando uma expressão metafórica no quarto verso ao dizer que o espaço a que se refere é de si mesmo como uma flo .

Em “espaço lírico” de Cassiano Ricardo há uma construção paradoxal entre os versos na mesma estrofe, uma vez que o eu-lírico diz que não ama o espaço em que o corpo dele ocupa e exemplifica com bens materiais (o estribo e o bonde), porém ele ama o espaço interior que existe dentro de si. Esta inquietude poética está mais sensível do que em Augusto dos Anjos, pois na poesia “anseio” a presença de uma “força interior” através de um sentimento – o amor – aparece na segunda estrofe.

Retomando a poesia de Augusto dos Anjos, na terceira estrofe, o autor retratará a sua presença dentro do mundo, porém, diferente de Cassiano Ricardo, não especificar com exemplos o mundo ao qual designa a sua fala:

- 9 - Alta noite, esse mundo incoerente - C
- 10 - Essa elementaríssima semente - C
- 11- Do que hei de ser, tenta transpor o Ideal... – D

As marcações no final de cada verso são para mostrar a sequência das rimas, desta vez, emparelhadas, ao contrário da primeira estrofe em que as rimas aparecem alternadas (ABAB). Observa-se a partir desta estrofe o início de uma narrativa poética, ou seja, o eu-lírico contará um fato que lhe ocorreu. A narrativa inicia no nono verso e o sujeito da estrofe, o que fará a ação, será o “mundo” caracterizado como “incoerente” – mais um

traço pessimista de Augusto dos anjos – e denominado como “semente” – a sintetização de ideias para expressar um determinado sentimentalismo comum nas poesias do autor em estudo. O eu-lírico retoma o seu questionamento existencial no décimo primeiro verso com a frase “Do que hei de ser” e encerra a estrofe com a ação do sujeito, uma vez que, o “mundo” transporá um “Ideal...” que, com a pontuação, induz uma forma concreta de o eu-lírico trabalhar o seu interior com a presença dos sentimentos. Esta elucidação está presente na última estrofe:

- 12 - Grita em meu grito, alarga-se em meu hausto, -E
- 13 - E, ai! como eu sinto no esqueleto exausto - E
- 14 - Não poder dar-lhe vida material! – D

Mais uma vez com as marcações das rimas, pode se determinar a construção de uma inquietude poética paradoxal. O décimo segundo verso retoma a ideia do verso anterior com uma hipérbole ao retratar que o Ideal grita em seu grito o alargando na própria respiração. O sentimento do interior do eu-lírico é sentido em seu próprio corpo transcrito como “esqueleto exausto”, nesse aspecto nota-se a característica de Augusto dos Anjos ao usar termos científicos e biológicos, além do pessimismo do autor com o adjetivo “exausto”.

O último verso da poesia retoma a discussão de materialidade vs. imaterialidade discutida em ambas as poesias e transcritas por intermédio dos ermos “corpo” e “mundo” que em ambos os textos literários assumem complexidades divergentes. Em “espaço lírico” de Cassiano Ricardo, as outras estrofes trabalharão na discussão da inquietude poética a partir do “eu dentro do mundo”, conforme a seguir:

- 5 - Que me nasceu por dentro, entre paredes.
- 6 - Nutrido à custa de secretas sedes.
- 7 - Que é a forma? Não o simples adorno.
- 8- Não o corpo habitando o espaço, mas o espaço

O quinto verso retoma o verso anterior (O espaço que é meu como uma flor) e que retoma a questão existencialista interior. Os grifos na estrofe são para o estudo dos termos. Em Augusto dos Anjos, o vocábulo “nutrido” se constrói a partir de uma visão pessimista do autor: “Nutrindo uma efeméride inferior”, em que o eu-lírico se demonstra inferior e insignificante a si próprio, enquanto em Cassiano Ricardo, o vocábulo é apresentado com a mesma função semântica, porém com um aspecto positivista.

O sétimo verso elucida o “corpo” dentro da discussão lírica, quando o autor diz que a forma corporal não é um simples adorno. No sétimo verso em Augusto dos Anjos, o corpo é elucidado como “formas carcomidas”, ou seja, uma expressão pessimista e inferiorizada do escritor.

A discussão do corpo ocupando um espaço externo reinicia no oitavo verso quando o autor começa a discussão, porém faz uma quebra no verso. Nota-se que a estrutura desta poesia de Cassiano Ricardo é dotada de uma quebra de versos entre estrofes, diferentemente de Augusto dos Anjos. A continuação do oitavo verso continua em:

- 9 - Alta noite, esse mundo incoerente - C
10 - Essa elementaríssima semente - C
11- Do que hei de ser, tenta transpor o Ideal... – D

O autor revigora a discussão de forma e corpo ao afirmar que o que importa para si mesmo é a forma do contorno como um corpo interior. A inquietação poética continua com uma argumentação metafórica em que no interior do eu-lírico haja um chão vivo a partir dos seus próprios passos. O conceito de “corpo” é indiretamente diagnosticado com o termo “em cada passo”, uma vez que a ação do eu-lírico é um movimento dentro do espaço externo, ou seja, o intuito de andar e se locomover.

- 12 - Grita em meu grito, alarga-se em meu hausto, -E
13 - E, ai! como eu sinto no esqueleto exausto - E
14 - Não poder dar-lhe vida material! – D

O décimo segundo verso retoma o verso interior para encerrar a inquietação poética do eu-lírico como resultado de uma discussão filosófica entre o espaço interior dentro de um espaço exterior mediante às definições de “corpo”. Os dois últimos versos é uma conclusão do poeta a partir desta inquietação pessoal. Pode-se perceber que há o primeiro pessimismo do eu-lírico ao definir a morte como um retorno ao nada, o que corrobora na construção poética da poesia “anseio” de Augusto dos Anjos que inicia a discussão de corpo e espaço interior de uma maneira inferiorizada. Porém, ao definir o conceito de “espaço”, Cassiano Ricardo retoma a sensibilidade poética, pois diz que o espaço é “uma virgindade do tempo em um campo verde”. Há a presença da natureza mais uma vez exemplificada na formação poética

4 | CONCLUSÃO

Conforme apresentado na análise do corpus há diferentes concepções para o vocábulo “corpo” em diferentes esferas textuais de caráter literário. Em Augusto dos Anjos, o “corpo” aparece metaforizado em um conjunto de versos paradoxais em que o eu-lírico questiona a presença do seu próprio corpo em um mundo exterior e interior com um pessimismo relutante, uma síntese de ideias – palavras que dispensam o uso exacerbado dos recursos de sensibilização poética – sem perder o objetivo poético do texto e o uso de termos científicos e biológicos para elucidar a inquietude do eu-lírico. Nas definições do vocábulo em Augusto dos Anjos confronta-se com o estilo do autor pré-modernista, cuja característica principal era a síntese pessimista em termos poéticos. Algumas poesias do autor são consideradas naturalistas sob uma ótica parnasianista, em virtude do vocabulário complexo no texto, outras, com aspectos simbolistas, porém carregada de uma complexidade herdada do movimento literário parnasianista.

Em contraponto ao pessimismo de Augusto dos Anjos, em uma outra esfera poética, a poesia de Cassiano Ricardo agrega um sentimentalismo mais comum ao atual leitor,

primeiro por ter sido produzida sob os aspectos modernistas, pois percebe-se o não uso da métrica em uma produção que se caracteriza como um soneto (dois quartetos e dois tercetos) e a expressão lírica com um vocabulário menos rebuscado sob uma perspectiva sentimental que discute o “corpo” – este, metonimicamente contextualizado em um verso da poesia – ocupando um espaço exterior sob uma ótica interior do eu-lírico.

O estudo da poesia fomenta diversas discussões literárias de caráter técnico, temático ou pessoal, e é de extrema importância para a formação de conhecimentos no tocante à literatura, bem como o registro para a fomentação da crítica literária. Apresentar as diferentes concepções temáticas da palavra “corpo” e “espaço” através de Augusto dos Anjos e Cassiano Ricardo foi ao mesmo tempo que necessária para a compreensão de duas escolas literárias (pré-modernismo e modernismo brasileiro), prioritariamente, importante para a discussão de “estilo de autor” e “figuras de linguagem” na construção poética da poesia. Espera-se que este estudo seja um interlúdio para demais trabalhos na área que aportem um Augusto dos Anjos de caráter pessimista e um Cassiano Ricardo de sangue modernista, patriota e ao mesmo tempo sentimental.

REFERÊNCIAS

ANJOS, A. dos. **Eu e outras poesias**. Ed. L&M Pocket. 2ª edição. São Paulo, 2012. BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1976

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 9ª edição. Ed. Ouro Azul. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Antonio_Candido_-_Literatura_e_Sociedade.pdf acesso em 11 set.2014.

CANDIDO, A. **Na sala de aula – caderno de análise literária**. 4ª edição. Ed. Ática. São Paulo - SP, 1993.

RICARDO, C. **Espaço lírico**. Fundação Cultural Cassiano Ricardo. In Obras. São José dos Campos – SP. Disponível em <http://www.fccr.org.br/cassianoricardo/> acesso em 21.ago.2015

SCHOPENHAUER, A. **O Mundo como vontade e representação**. Tomo I Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

WATSON, T. **Estimulação Elétrica para a cicatrização de feridas**. In: KITCHEN, S.; BAZIN, S. *Eletroterapia de Clayton*. 10. ed. São Paulo: Ed. Manole, 1998.